

O Futebol de Várzea em Cuiabá/MT: Lazer, Identidades e Mediação Cultural na comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT

Francisco Xavier Freire Rodrigues (UFMT)

Allan Kardec Benitez (UFMT)

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: SOCIOLOGIA DO ESPORTE

O Futebol de várzea em Cuiabá/MT: Lazer, Identidades e Mediação Cultural na comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT

Francisco Xavier Freire Rodrigues (UFMT)

Allan Kardec Benitez (UFMT)

O Futebol de Varzea em Cuiabá/MT: Lazer, Identidades e Mediação Cultural na comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT

RESUMO:

O trabalho estuda cultura, lazer e futebol de várzea como manifestações sociais em uma comunidade tradicional. Objetiva-se investigar a mediação do futebol de várzea na comunidade São Gonçalo Beira Rio, em Cuiabá, Mato Grosso, a partir de uma pesquisa qualitativa. No contexto, que papel teria o futebol de várzea na mediação das diferenças locais, que maneiras de fazer sua prática interatuam e modificam o espaço e as relações? Este estudo é uma fenda que se abre como possibilidade de multiplicação e interconexão inter-territórios, estabelecendo pontes entre as fronteiras. Consideramos que o futebol de várzea da comunidade vem ressurgindo, ainda que timidamente, através de um ou outro que mantém os campos de várzea e os jogos esparsos. Metaforicamente, há uma prorrogação do jogo social com ampla possibilidade de, uma vez mais, o futebol de várzea servir de mediador de novos conflitos, de maneira a evidenciar outras diferenças, talvez através do surgimento de um time único, que una os atores dantes adversários. Talvez filhos e filhas, netos e netas, desde já, estejam se preparando para essa entrada em campo, naquelas várzeas, em busca de novas maneiras de fazer e resolver seus conflitos, tendo-se por apito inicial a vontade de (re) iniciar. Talvez, uma vez mais, e assim o esperamos, a prática sócio-esportiva do futebol de várzea sirva, outra vez, de mediador silencioso que ramifica as infinitas possibilidades de ser e estar e viver na comunidade São Gonçalo Beira Rio.

INTRODUÇÃO

Olhar sobre o futebol de várzea enquanto mediador cultural possibilita adentrar em campo vasto do fazer mais cotidiano do lazer que, por excelência, é praticado e mantido nos mais inusitados rincões deste Brasil, seja na cidade ou no campo. Fazer que se revela múltiplo, repleto de (re) invenções e improvisações que o dinamizam e o mantêm no imaginário popular, nos relatos de vida, nos fins de semana sociabilizados ou mediados pelas partidas que contam, ademais de empates, vitórias e derrotas, maneiras de fazer o lazer de cada lugar.

Analisar e compreender esse papel mediatizador, função silenciosa tanto quanto ruidosa dada ao futebol de várzea, força-nos a perceber a multiplicidade de campos que se imbricam nesse jogo de relações sociais, culturais, comunicativas, antropológicas, psicológicas, histórias, enfim, são tantas as facetas quanto as possibilidades bifurcativas, os rizomas deleuzianos que nos oferecem devires.

Neste jogo que se começa, entrecruzam-se os lances, as táticas, as estratégias, vida factual e vida fictícia, a pessoa e o jogador, todos em ritmos diferentes, em posições diversas, em territórios tão conhecidos quanto estranhos, mundos dentro de outros mundos no mundo, com regras e infrações de regras, com

códigos e transgressões que, ao se transmutar, revelam as maneiras de fazer o jogo sócio-cultural, através do futebol de várzea na comunidade São Gonçalo Beira Rio.

Quais táticas delineiam as maneiras de fazer o futebol de várzea na comunidade São Gonçalo Beira Rio? Esse é o *leitmotiv* ou o objetivo que nos conduz por intrincados caminhos que contam sobre as *maneiras de fazer*, reveladoras de percursos e trajetórias de dois times locais: São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube e Milionários Futebol Clube, ambos criados no seio da comunidade São Gonçalo Beira Rio, em Cuiabá, Mato Grosso.

Em específico, nossos objetivos ultrapassam as fronteiras de mero registro histórico daquelas práticas, e recaem principalmente na importância da temática proposta, vez que está nos permite evidenciar as histórias de vida de atores sociais que construíram, através do futebol de várzea, uma trajetória do lazer que ocupou aquele espaço comunitário, bairro isolado do centro urbano de Cuiabá/MT, e mediou conflitos locais de resistências e fronteiras sociais.

Como procedimentos metodológicos foram utilizados História de Vida é registrada através de pesquisa de campo, realizada pela entrevista semi-estruturada com perguntas abertas, com roteiro preliminar de perguntas.

Este trabalho apresenta resultados da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado de Allan Kardec Pinto Benitez, intitulada “O futebol de Várzea como mediador cultural na Comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, da Universidade Federal de Mato Grosso, em 2014.

Nas considerações finais, texto concluinte desta dissertação, oferece a visualização dos devires, ou possíveis caminhos rizomáticos daquela prática, bem como as perspectivas e anseios que delineiam novos rumos, e retomam o caráter lúdico do futebol de várzea, bem como a abertura às possibilidades de outras investigações acadêmicas dentro desse campo de estudo.

O FUTEBOL DE VÁRZEA EM CUIABÁ

Considerando-se que o objeto desta pesquisa é o vetor futebol de várzea como mediador da realidade sócio-cultural vivida na comunidade São Gonçalo Beira Rio (doravante SGBR), ou, dito no modo de Michel de Certeau - suas *maneiras de*

fazer, há que se pontuar primeiramente o destaque dado aqui ao *conhecimento popular*, este que segundo Babini (1957, p. 21, apud MARCONI, LAKATOS, 2000, p.17.) “é o saber que preenche nossa vida diária e que se possui sem o haver procurado ou estudado, sem a aplicação de um método e sem se haver refletido sobre algo”.

Conhecimento popular, assim conceituado, é aquele que traz características peculiares – de acordo com Ander-Egg (1978, p. 13-4 apud MARCONI; LAKATOS, 2000, p.21.), como ser *superficial*, isto é, conforma-se com a aparência, com aquilo que se pode comprovar simplesmente estando junto das coisas; ser *sensitivo*, ou seja, referente a vivências, estados de ânimo e emoções da vida diária; *subjetivo* ou próprio do sujeito que organiza suas experiências e conhecimentos; e *assistemático* dado que tais ‘organizações’ das experiências não visam a uma sistematização das ideias, nem na forma de adquiri-las nem na tentativa de validá-las.

Em *A Invenção do Cotidiano* (1998, p. 45), De Certeau dá a conhecer um “método” de pesquisa inovador o qual se intitula análise *polemológica* da cultura, considerando que “a cultura articula conflitos e volta e meia legítima, desloca ou controla a razão do mais forte”. E sugere, por conseguinte, que a análise das narrativas das práticas comuns, como é o caso daquelas sobre o futebol de várzea, possibilitam “introduzi-las com as experiências particulares, as freqüentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo” (DE CERTEAU, 1998, p.35).

Convém explicitar a opção pela inclusão da teoria contemporânea de De Certeau, disseminadora das fontes de Foucault e Bourdieu, figuras teóricas de oposição que não o impedem de interessar-se por teses contrárias, embora prevaleça explicitamente e quantitativamente a presença de Bourdieu. Mas, De Certeau busca a sua autonomia e liberdade, de maneira que:

Dir-se-ia que, sob a realidade maciça dos poderes e das instituições e sem alimentar ilusões quanto a seu funcionamento, Certeau sempre discerne um movimento browniano de micro-resistências, as quais fundam por sua vez micro liberdades, mobilizam recursos insuspeitos, e assim deslocam fronteiras verdadeiras da dominação dos seres sobre a multidão anônima [...] é natural que ele concentre a atenção nos minúsculos espaços de jogo que táticas silenciosas e sutis “insinuam”. (DE CERTEAU, 1998, p. 18-9.)

De fato, em seus estudos De Certeau se interessa por diversas áreas, entrecruza métodos, “que pratica sem prestar vassalagem a nenhum dele, e pela

diversidade de suas competências”, por isso mesmo “intriga e desconcerta” (Id., Ibidem). Assim, ouvir os relatos orais de jogadores de futebol de várzea em SGBR introduz novos olhares dentro do campo investigado, onde se busca elementos de tensões que forneçam “equilíbrios simbólicos, contratos de compatibilidade e compromissos mais ou menos temporários” (DE CERTEAU, 1998, p.45) tendo-se o futebol de várzea como mediador dessas práticas.

Quais táticas delineiam as maneiras de fazer o futebol de várzea na comunidade São Gonçalo Beira Rio? Antes de uma abordagem específica, cabe algumas conceituações e diferenciações entre os termos “tática” e “estratégia”. O termo *tática* é aplicado nas pesquisas de De Certeau como maneira de aproximação da problemática suscetível de articular o material coletado e a descrição de sua prática, e nesta investigação será utilizado para análise de dados coletados. “Tática”, do grego *taktiké* ou *téchne* é qualquer elemento componente de uma estratégia, com a finalidade de se atingir a meta desejada em um empreendimento qualquer, sendo a estratégia a visão macro, sistêmica, de conjunto do empreendimento, segundo Koogan; Houaiss (1993, p. 815).

Se por um lado, a tática se ocupa do micro-sistema, a estratégia abrange o todo desse conjunto de táticas. Nesse sentido, De Certeau (1998, p. 46) diz que a estratégia é “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente”, ao passo que a tática é “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto, com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível”. **A tática só tem por lugar o do outro**” (Id, Ibidem. – grifo nosso).

Tendo-se sempre em foco que a tática só tem por lugar o do outro, ela representa também a gama de ações ou maneiras de fazer o futebol de várzea, bem como outros esportes, o que insinua certo entrecruzamento metafórico na utilização de referidos termos dentro desta dissertação. Dentro do futebol amador, há uma tática de disposição em campo intitulada de “carrossel” ou “futebol total”, em que todos os jogadores ocupam todas as funções e posições, indiferenciadamente, com exceção eventual do goleiro. Digamos, então, que os atores sociais aos quais pertencem os relatos orais colhidos são os jogadores, nesse campo social da comunidade SGBR, e nós, deste lado, intentaremos apanhar as bolas jogadas nos diversos alvos.

Evidenciar as maneiras de fazer o futebol de várzea em SGBR requer, antes, considerar que “deve haver uma lógica dessas práticas” (DE CERTEAU, 1998, p.42); mais ainda, que nessas práticas culturais consideradas marginalizadas existem “operações dos usuários, supostamente entregues à passividade e à disciplina” (Idem, p. 37.), operações ou táticas que emanam de suas formações discursivas.

Futebol de várzea é produto da cultura popular, sendo essa cultura formulada “essencialmente em ‘artes de fazer’ isto ou aquilo, isto é, em consumos combinatórios e utilitários” (DE CERTEAU, 1998, p. 42.) ou, ainda, “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (DE CERTEAU, 1998, p.42.).

Nesse sentido, os jogadores do futebol de várzea, os espectadores da beira de campo de futebol, a comunidade e a sociedade em geral são consumidores cujas produções diferem-se e denotam, ainda, bifurcação que possibilita *n* interpretações. Pelo menos duas estão evidentes: a primeira refere-se à produção da imagem do futebol de várzea propalada, geralmente via *sensu comum* e meios comunicativos – principalmente o rádio. A segunda vive na produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização, havendo diferença ou distanciamento entre imagem e produção (DE CERTEAU, 1998, p. 40).

Naquela comunidade SGBR, o futebol de várzea teve período áureo entre as décadas de 1980 e 1990, conforme se constata nas narrativas colhidas (Apêndice I), sendo, portanto, esse período escolhido para análise nesta dissertação. Dois times disputavam entre si, em quase todos os torneios, sejam eles: *São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube* e *Milionários Futebol Clube*, sendo este último dissidência daquele primeiro. Há também outro time, não investigado aqui, na comunidade de Carrapicho, localizada na outra margem do Rio Cuiabá.

Tem-se, então, o espaço dos campos de futebol de várzea como espaço de contradições, ou como nichos culturais, cujas *maneiras de fazer* “constituem as mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (DE CERTEAU, 1998, p.41).

Esse espaço, com seu mapa, percursos e demarcações, evidencia modos de proceder, astúcias de consumidores, que para De Certeau formam uma rede de anti-disciplina, não se reduzindo a uma rede de “vigilância”, pois ao jogar como os mecanismos da disciplina e não se conformar com ela, constitui a contrapartida, “do

lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política” (DE CERTEAU, 1998, p.41.).

Partimos da premissa de que há inúmeras *maneiras de fazer* o futebol de várzea em SGBR, onde “as operações multiformes e fragmentárias, relativas a ocasiões e detalhes” (DE CERTEAU, 1998, p.42.) supostamente apresentam uma lógica na sua prática. Mais ainda, temos por ponto primordial apreender a maneira, as táticas utilizadas que fazem do futebol de várzea o mediador daquelas práticas socioculturais.

As *táticas de abordagem* remontam às maneiras de fazer de cada time de futebol de várzea naquela comunidade. Tem-se, então, a cultura do futebol de várzea como lugar enunciativo dos narradores. “Tática”, termo por nós escolhido, denota a intenção de dar voz ao Outro, ou de considerar a contradição discursiva, considerando que “a tática só tem por lugar o do outro” (DE CERTEAU, 1998, p. 46) e, que

Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta guardado pelo lugar próprio ou pela instituição. (DE CERTEAU, 1998, p. 47.)

As táticas dos relatos orais representam micro-diferenças discursivas que em conjunto formam *bricolagem*. Mosaico dinâmico, incerto, tentador e audaz que compõem esta dissertação a partir do desconhecido; pois aglomera métodos, técnicas, teorias que em conjunto nos dão as idiosincrasias, contradições dialógicas que esboçam as *maneiras de fazer* a cultura ora recortada.

Efetivamente, a moldagem dos relatos em *táticas* servirá apenas como base de ‘consulta’ às problematizações, aqui chamada de “estratégias”. Estratégia, então, é a combinação de elementos heterogêneos que, no dizer de De Certeau é o “cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente” (DE CERTEAU, 1998, p.46).

Ramificamos as táticas em cinco rizomas multiplicadores (que, seguramente, se redistribuem e se bifurcam), sendo: 1) *Táticas Fundacionais*, 2) *Táticas Relacionais*, 3) *Táticas Organizacionais*, 4) *Táticas de Embate*.

Esses percursos, então, supõem antes uma expressividade que faz território, sendo que “a territorialização é o ato do ritmo tornado expressivo, ou dos componentes de meios tornados qualitativos. A marcação de um território é dimensional, mas não é uma medida, é um ritmo” (DELEUZE; GUATTARI, 1998, p. 122). Assim explicitado, a seguir expomos as *táticas*:

Táticas Fundacionais se referem aos relatos sobre a fundação dos dois times - São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube e Milionários Futebol Clube. Destacamos primeiramente que as incertezas das recordações são apenas tentativas de revisitar o passado, tendo-se o presente em evidência e o devir dessas impressões. Memórias e confissões se enchem de imagens que se entrecruzam, posto que

Los recuerdos no son de fiar, pero, en cambio, sí puede serlo el modo en que dichos recuerdos acuden a nuestra imaginación, confundidos pues con pensamientos, ideas, sensaciones ligadas a otros recuerdos y otras sensaciones. (CABALLÉ, 1995, p.109.)

Entre os onze entrevistados, apenas os dois mais antigos relatam sobre a fundação do time São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube, havendo começado na década de 1960 e os entrevistados do time Milionários Futebol Clube nada mencionam sobre o assunto. Curiosamente, estes últimos são dissidentes daqueles primeiros, portanto, alguma história poderia ser aventada, algo que não ocorreu.

Entretanto, sobre a história de fundação do Milionários Futebol Clube quase todos os entrevistados sabem sobre a sua origem. Os narradores ou entrevistados que nada disseram são aqueles mais velhos, que acompanharam o São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube de há tempos. Todos os recortes pertencem ao Apêndice I.

Dos relatos, consta que Milionários Futebol Clube nasceu da dissidência que houve dentro do time São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube. Com variações nos relatos, tem-se que foi feita uma lista com o nome dos jogadores mais velhos no time, e essa lista foi aposta na parede para que ficasse visível a todos, “aí escreveu numa parede lá os nome das pessoas que eles não queriam mais no futebol deles” diz Narrador 8, informando que aqueles jogadores foram considerados inabilitados para continuar no time, ou pelo avanço da idade ou pelo rendimento em campo. Revoltados com a situação resolveram, a partir daí, criar outro time.

Sobre denominação dada a “Milionários”, são seguintes as narrativas, controversas:

1. Esse Milionário foi fundado por Grauco. (Narrador 2)
2. É o seguinte nós começamos com o Milionário que a minha família jogava no São Gonçalo Beira Rio [...] agora nós vamo fundá o time do Milionário, do time dos enjeitado aqui da comunidade. (Narrador 8)
3. [...] ficaram revoltados e resolveram se juntar e formar uma nova equipe na qual eu e o finado Valdir fomos presidente do Crube, que nós fomos fundador do Milionários, que nós que começamos o primeiro Milionários que naquela época era só um junta junta de pessoas que formaram, que formou um time e com o passar dos anos depois mais ou menos três anos de fundação aí surgiu o Milionários mesmo” (Narrador 11)



**Foto VI. Final da década de 70. Time Milionários Futebol Clube
(Fonte: Acervo pessoal de Dona Pedrosa)**

Quanto ao nome dado ao time do SGBR, o Narrador 1 diz “[...] e ali pra 64, 65 [...] nós pusemos uma diretoria que falava São Gonçalo, o gigante Beira Rio”, havendo apenas essa narrativa. Por outro lado, sobre a criação do nome Milionários, foram registradas três narrativas, entre elas havendo controvérsias. As versões apresentam que:

1. Foi da cabeça. Foi da cabeça que eu tirei.” (Narrador 8, Anexo I, Tática I)
2. [...] Nós achamo o nome, por que nós não podia por o nome de São Gonçalo... aí o Cráudio, um rapaiz que tinha loja aqui no Coxipó disse vamo arrumá um time pra nós jogá.. [...] aí tem que por nome de

time... aí a turma começo falá que tem tanta gente rico no time... brincadeira NE... ah! Vamos por Milionários e fico. (Narrador 9, Anexo I, Tática I)

3. [...] Era camisa do Framengo só que tava escrito Milionário... intão um certo tempo aí... os reserva ficaram murdido aí emprestaram minha camisa, a camisa do Framengo.. intão falaram vamo monta um time co esse nome só pra brincá e com isso chegaram lá e arrumaram o time do...do Milionário. (Narrador 2, Anexo I, Tática I)



Foto VII. Final da Década de 80. Time São Gonçalo Beira Rio. Ao fundo o público presente. (Fonte: Acervo pessoal de Dona Pedrosa)

As tensões narrativas acima apresentadas, em se pensando o futebol e várzea como mediador cultural, remetem diretamente a uma fala de Homi Bhabha (1998, p.222), apresentada sob o título “De margens e minorias”, na obra *O local da cultura*: “De que modo se pode encontrar o passado com uma anterioridade que continuamente introduz uma outridade ou alteridade dentro do presente?”

As dissensões evidenciam o esburacamento da memória, que se situa no desvão do espaço entre passado e presente, espaço intermediário de tempos e lugares, cujos conflitos anteriores ressurgem no presente como sucessão sem sincronia, em uma ausência de tempo homogêneo, ainda que os fragmentos acima possam ser inseridos no âmbito que Bhabha chama de “espaço da anomia da nação”. (BHABHA, 1998, p. 225)

Ampliando o quadro das micro-diferenças para o cenário nacional, pode-se observar que o “auge” da disputa dos times São Gonçalo Beira Rio e Milionários deu-se em um período diacrônico em que o futebol profissional da Seleção Brasileira chegou às quartas-de-final da Copa do Mundo FIFA em 1986, sendo derrotada pela França; despontou-se com o título de tetra-campeão na Copa Mundial de 1994; ganhou ainda em 1989, 1997 e 1999 a Copa América e em 1997 ganhou a Copa das Confederações.

Seguramente esses estímulos se refletiram nas maneiras de fazer o futebol de várzea em muitas comunidades ou bairros brasileiros, (re) surgindo times cuja aparente vontade de nacionalidade ressoou como continuidade da tradição que é o futebol enquanto cultura no Brasil. Entretanto, Bhabha já adverte para o cuidado sobre tais leituras, considerando-se

A cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, frequentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social. A cultura se adianta para criar uma textualidade simbólica, para dar ao cotidiano alienante uma aura de individualidade, uma promessa de prazer. (BHABHA, 1998, p. 240.)

Voltando ao cenário local da comunidade SGBR, podemos ler em sua história as diversas crises sócio-econômicas, advindas do distanciamento do bairro São Gonçalo, situado à margem do Rio Cuiabá, cujo acesso tornou-se mais fácil no início da primeira década deste Século XXI. Até então, os recursos eram a fabricação artesanal de cerâmicas e utensílios, a agricultura de subsistência e a pesca, sendo que esta se deteriorou dadas a poluição e a instalação de dragas ao longo do Rio Cuiabá.

Na década de 1990 sobreveio nova crise, os produtos artesanais não tinham meio de escoamento e a comunidade não possuía qualificação técnica para enfrentar o mercado competitivo que se despontava. Essa crise chamou a atenção do poder público e da sociedade civil que passou a revitalizar e (re) valorizar o patrimônio cultural daquela comunidade, como o siriri, o cururu e a pesca.

Com Dubar (2009, p.21), podemos considerar por “crise” não apenas aquela sócio-econômica, mas, também, a “crise do vínculo social” que evidenciam as transformações e rupturas das relações sociais anteriores, ou, ainda, “crise antropológica” que “afeta, ao mesmo tempo, os comportamentos econômicos, as relações sociais e também as subjetividades humanas”.

O futebol de várzea na comunidade SGBR foi reinventado dentro da crise, talvez como maneira de combatê-la, de fazer mais forte a identidade local ou de deixar emergir a alteridade existente e antes velada. Reinventar o futebol de várzea, através da criação de um novo time, nascido da rejeição manifesta de membros da própria comunidade, mostra-nos que

A diferença cultural não pode ser compreendida como um jogo livre de polaridades e pluralidades no tempo homogêneo e vazio da comunidade nacional. O abalo de significados e valores causado pelo processo de interpretação cultural é o efeito da perplexidade do viver nos espaços liminares da sociedade nacional [...] a diferença cultural, como uma forma de intervenção, participa de uma lógica de subversão suplementar semelhante às estratégias do discurso minoritário. (BHABHA, 1998, p.228.)

Se por um lado houve essa identificação com o futebol nacional, naquele bairro as diferenças começaram a vir à tona, através da crise dentro do único time existente, o São Gonçalo Beira Rio. A partir do instante em que alguns jogadores foram “desligados” da equipe, sem a presença de diálogo prévio – conforme se constata, temos então a criação do novo, surgido da minoria marginalizada pelos pares do futebol de várzea.

Como começou a história dos dois times? Quem está falando a verdade? Aliás, o que é a “verdade”? Distante do propósito historicista, de registrar diacronicamente esses “fatos”, interessa-nos mais compreender que aqueles narradores, cada qual apresenta a “sua” verdade, havendo se apropriado da história que se faz ambivalente, “que a agência de identificação nunca é pura ou holística, mas sempre constituída em um processo de substituição, deslocamento ou projeção”. (BHABHA, 1998, p. 228)

Deslocamento do local discursivo, diríamos. Desterritorialização. Essa apropriação discursiva reflete desejos de apropriação do objeto perdido, talvez. Como acontecimento em um sonho sonhado por outro. Como vontade de lembrar e manter viva na memória temporal a convergência para dentro da comunidade, das suas pessoas; assim como manter a divergência surgida dessa convivência mais estreitada através da maneira de fazer o futebol de várzea na região.

Os relatos denotam as diferenças nas maneiras de fazer. As contradições surgidas antes, durante ou depois da criação do Milionários Futebol Clube. Demarcações de territórios que ultrapassam o campo esportivo e se entrecruzam

com as diferenças sociais, ali existentes. Dentro daquele mapa, podemos visualizar que as casas situadas mais próximas do campo do Milionários denotam melhor condição econômica de seus moradores, com fachadas mais modernas, maior planejamento arquitetônico, maiores terrenos, com carros mais modernos.

Contrariamente, à medida que vamos adentrando na comunidade, as casas ao redor ou perto do campo do São Gonçalo Beira Rio são mais antigas, algumas conservam arquitetura de antigo modelo “cuiabano”, quase inexistindo muros para dividir os terrenos e, precisamente, nesta parte a produção da cerâmica, a manutenção do folclore, do siriri e do cururu, bem como a concentração das peixarias, é muito maior e mais evidente.

Outra diferença, aqui já comentada, está na disposição e estrutura dos dois campos de futebol: o campo do Milionários está na avenida principal de acesso à comunidade; e o campo do SGBR situa-se no centro de um grande terreno público, rodeado por casas e quintas que se delimitam com o campo.

Essas diferenças sócio-econômicas trazem implícitas expressões ou formações discursivas, “o expressivo é primeiro em relação ao possessivo, as qualidades expressivas ou matérias de expressão são forçosamente apropriativas, e constituem um ter mais profundo que o ser” (DELEUZE; GUATTARI, 1998, p. 123). Dito de outra maneira, as discrepâncias visíveis em aspectos econômicos evidenciam conflitos arraigados, e constituem as diferenças socioculturais que, levadas para dentro do campo, fazem do futebol de várzea o mediador dos problemas locais.

É no campo de futebol de várzea que as diferenças se exacerbam. Os relatos estampam que todo ressentimento ou dissensão afetiva ganha vazão durante o jogo, em que gritos, gestos bruscos, palavrões, duras vozes de comando trazem subliminarmente a mensagem de uma luta de poderes pela manutenção da supremacia de um time sobre o outro, como extensão rizomática de outras diferenças ali existentes, porque ali “Há um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhes são inerentes” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23).

Norbert Elias e John L. Scotson em *Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (2000) evidenciam em seus estudos os confrontos nas relações de poder entre moradores antigos de uma comunidade, os “estabelecidos”, e aqueles que vieram depois, estrangeiros ou não, chamados de “outsiders” ou forasteiros. Para os autores, há

uma evidente estigmatização que sobrepassa o campo socioeconômico e chega aos valores da auto-estima daqueles que são “inferiorizados”, conforme se lê no fragmento abaixo:

[...] Os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, vêem-se como pessoas “melhores”, dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. Mais ainda, em todos esses casos, os indivíduos “superiores” podem fazer com que os próprios indivíduos inferiores se sintam, eles mesmos, carentes de virtudes – julgando-se humanamente inferiores. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 20).

Os autores chamam a atenção para a estigmatização coletiva, não específica a um ou outro membro, como é o caso da disputa de poder entre os times Milionários e São Gonçalo Beira Rio. Contudo, pode-se observar que o time São Gonçalo Beira Rio, formado por antigos moradores, não é aquele que se sente “superior” nessa relação.

Contrariamente, ao time Milionários se tem atribuído o status de “vitorioso”, posto que venceu nas disputas em campo, em quase todas as partidas entre os dois clubes. Curiosamente, nos dias atuais, há uma espécie de reviravolta nesse jogo social, posto que os moradores da parte de baixo da rua, os menos favorecidos financeiramente, são os que mantêm restaurantes, os artesanatos de cerâmica e as danças populares da comunidade.

Fica assim evidente a interdependência que mantém as relações culturais, intermediadas pelo futebol de várzea em SGBR. Ou seja, “Um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 23).

Por exemplo, a criação do time Milionários foi uma resposta à afronta recebida. Aqueles jogadores foram desterritorializados, marginados. Os discursos daí originados buscam uma reterritorialização, em forma de resistência à opressão sofrida. Buscaram, assim, a mesma via de (re) acesso: o futebol de várzea. Poderia ter sido outra a forma de resposta, mas justamente é ele, o futebol de várzea, que vai mediar essas diferenças. Um percurso cujos movimentos, ou táticas, formam um conjunto de estratégias contra a situação dada, e com vistas à demarcação territorial naquele mapa.

Para Sennett (2006, p.137.)

O consumidor busca o estímulo da diferença em produtos cada vez mais homogêneos. Ele se parece com um turista que viaja de uma cidade clonada para outra, visitando as mesmas lojas, comprando em cada uma delas os mesmos produtos. Mas o fato é que viajou: para o consumidor, o estímulo está no próprio processo do movimento [...] o que mobiliza o consumidor é a própria mobilidade e imaginação: o movimento e a incompletude energizam a imaginação; da mesma forma, a fixidez e a solidez embotam.

O motivo territorial de exclusão formou personagens rítmicos, e os contrapontos territoriais formam as paisagens melódicas. Temos, então, narradores que saem do anonimato e assumem para si a autoria de um feito que, por ser antitético, transgredir regras sociais. Agora são dois os times, duas forças antagônicas que se completam em uma contradança forçada. Dois times dividindo o pequeno espaço que é a comunidade SGBR e demarcando seus territórios repletos de diferenças. Uma redistribuição do espaço, e “ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais e por referências utópicas” (DE CERTEAU, 1998, p. 79).

Inventividade do cotidiano, tendo-se o futebol de várzea como mediador de um conflito, ou, mais ainda, como mote principal de sua exacerbação. Nesse sentido, vale destacar o sub-reptício que se instala em cada fala, considerando-se que essas táticas de recontar a história da fundação dos times são:

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecidas. Tem que “fazer com”. Nessas estratégias de combatentes existe uma arte de golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor. Destreza tática e alegria de uma técnica. (DE CERTEAU, 1998, p. 79.)

Se, nos dizeres de Deleuze; Guattari (1998), o território é primeiramente a distância crítica entre dois seres da mesma espécie para marcar suas distâncias, temos que os dois times buscarão maneiras de fazer a coexistência de seus membros, configurando uma paisagem melódica daquela comunidade, paisagem repleta de contrapontos complexos.

À medida que avançamos no trato dos relatos, as diferenças mediadas pelo futebol de várzea terão contorno mais evidente. Veremos, por exemplo, que aqueles jogadores rejeitados ou excluídos deram novo ritmo às maneiras de fazer esse esporte no SGBR. Onde começam os rastros? Para onde nos levarão? São muitas

as pegadas, e múltiplos os caminhos dentro desse campo, de maneira que deixaremos o futebol de várzea, esse mediador, ir insinuando por onde nos é possível caminhar, correr, parar, retomar, enfim.

Quem começou o quê? Inexistindo uma história “oficial” o que temos é um torneio de relatos, com alguns narradores em campo assumindo o feito do gol que é a criação do Milionários. Havendo, inclusive, a possibilidade de dois tempos: o primeiro e o segundo Milionários, como se pode observar nos fragmentos destacados.

Táticas Organizacionais reúnem relatos sobre como cada time se articula para organizar-se, enquanto equipe de futebol de várzea, em seus aspectos diretores, de torcida, de formação da ala feminina, equipe técnica, locomoção para participar em outros bairros, alimentação, entre outros. Como demarcação dos percursos, cada narrador nos falou especificamente sobre o time a que fez parte, como se as memórias lhes servissem de autoproteção ou defesa em campo.

Os pontos em comum, entre os dois times, encontram-se nos seguintes fatos: existiu a liga LCB – Liga de Campeonatos dos Bairros; os dois times tiveram composição de respectivas diretorias; as categorias existentes se chamavam de aspirante e de titular; os torneios aconteciam durante o dia todo; quase inexistiam treinos; as mulheres (geralmente esposas) desempenhavam tarefas secundárias e imprescindíveis de auxílio aos times, como lavar uniformes, levar água de beber, entre outros;

Mais ainda, haviam responsáveis pelo cuidado e marcação dos campos de futebol de várzea; após os jogos havia formas de comemoração; todos colaboravam nas cotas financeiras para pagar árbitros e outras necessidades do grupo. De discrepante, e que chama a atenção, tem-se que o time São Gonçalo Beira Rio era formado exclusivamente por moradores da comunidade, ao passo que no Milionários participavam jogadores de diversos bairros.

Entre os seis narradores do time São Gonçalo Beira Rio não houve relatos sobre a escolha de técnicos. No Milionários, contrariamente, há o registro de que “às vezes era meu marido, às vezes era seu Aquino que vinha ajudar também, mas no mais era só jogador” (Narrador 8). Esse narrador (8) é uma mulher, ela foi presidente do Milionários por quase vinte anos, seu esposo foi técnico e jogador, e seu filho joga futebol, ainda hoje.

1. Eu arrumava água, arrumava gelo, era água gelada, não era quente não [...] tinha vez já entrava com sete jogador e eu zangava demais, xingava jogador [...] (Narrador 8)

2. Ela fazia tudo, teve veis que ela comprô até uniforme, trabalhô assim, empregada na CoopHEMA, comprô unifore com o dinheiro dela, ela fazia tudo, lavava roupa tudo [...] e ela tinha vez que ajudava, tava meio apertado pra pagá juiz alguma coisa, ela tinha dinheiro ia dá... ia assim.. (Narrador 9)

3. A dona Pedrosa... era a comandante de tudo, né? Ela enfrentava os jogadores adversários como se fosse mãe da gente... então ela protegia a gente, botava a mão na cara, quando precisava ela xingava e então a gente se sentia filho deles [...] (Narrador 10)

Antes de prosseguir, há que se destacar que após a criação do time Milionários Futebol Clube, segundo registros contidos nos Apêndices I e II, aquele time original, o São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube dificilmente ganhou nos embates entre essas duas equipes. Milionários convidava muitos jogadores de fora para formar parte do time. Vitórias e derrotas acentuaram os confrontos e foram dando ritmo mais forte, de competitividade, como se um desvão começasse a esboçar a fronteira entre os dois territórios, demarcando os discursos e as maneiras de cada time fazer o futebol de várzea.

Há, nos dois times, uma maneira diferente de se fazer o futebol de várzea? Seguramente. Evidentemente. Começamos, então, pela latente diferença na constituição dos dois times. Se, por um lado, o São Gonçalo Beira Rio resistiu às mazelas do cotidiano, buscando manter como jogadores apenas os moradores daquela comunidade, contrariamente a tática do Milionários foi buscar reforços nos campos vizinhos, como se pode observar no seguinte relato:

[...] O nosso, Milionários sempre teve jogadores de outros bairros, o time aqui do... daqui do São Gonçalo ele era mais bairrista. Ele era mais tradicional e o time do Milionários era mais...liberal. (Narrador 10)

Secular embate entre conservadores e vanguarda, entre os estabelecidos e os outsiders, diria Elias (2000), evidente no âmbito de todas as Artes, e em todas as manifestações culturais existentes. Do ponto de vista tático, São Gonçalo Beira Rio e Milionários mantiveram o foco centrado na meta desejada de firmar-se como time de futebol de várzea, dentro da comunidade SGBR, bem como dentro do município e do Estado de Mato Grosso. Formação discursiva de dois Nós.

De um lado, se exclui, enquanto o Outro é incluído pelo time contrário. Sennett (2006, p. 165) ao falar sobre a resistência ao novo, ao desconhecido, quando se busca conservar a identidade do grupo primeiro, diz que “hoje, no novo regime de tempo, esse uso de “nós” se tornou um ato de auto-proteção. O desejo de comunidade é defensivo, muitas vezes manifestado como rejeição a imigrantes e outros marginais”.

Em *A corrosão do caráter*, Sennett (2006, p. 142) narra sobre a experiência de Walter Lippmann, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, que tentou transformar o cálculo material de fracasso e sucesso “em experiências de tempo mais pessoais, opondo a experiência à deriva, errática, ao controle dos fatos”.

Parece-nos oportuna essa alusão que dialoga com (re) territorializações expressivas, contraditórias, entre o estático e o dinâmico. Evitando taxar de maneira incisiva que as derrotas sofridas pelo São Gonçalo Beira Rio advêm da escolha por manter-se dentro da conservação “bairrista”, termo usado pelo Narrador 10, preferimos admitir maneiras de lidar deliberadamente com a vida, de imaginar a organização social como marco de resistência, cujo vetor futebol de várzea, enquanto instrumento, vem mediar diferenças nos campos financeiro, político, ideológico, acional, construindo formações discursivas diversas (SENNETT, 2006).

Então, através das maneiras de fazer o futebol de várzea, este arbitra sentidos, sentimentos, expressividades que emergem, talvez desde há muito guardadas ou caladas, e que são deslocadas para dentro do campo, para a sua beira que é ocupada pelas torcidas, e para dentro das casas, espaços intimistas onde supomos diálogos mil sobre essa rivalidade.

Milionários adveio de um processo de desterritorialização social daqueles jogadores excluídos do seio “tradicional, familiar” do futebol de várzea de SGBR. Essa experiência possibilitou-lhes transformar a estratégia crítica. Foram do pertence ao não-pertence, vivenciando o “lidar com a cultura como produção irregular e incompleta de sentido e valor, freqüentemente composta de demandas e práticas incomensuráveis, produzidas no ato da sobrevivência social” (DE CERTEAU, 1998, p. 240).

Discussões sobre deslocamento espacial (territorialização, desterritorialização e reterritorialização) levam-nos à ideia de Deleuze; Guattari (In: MOSTAFÁ; NOVA CRUZ, 2009, p. 29.) de “todo um novo mundo possível”. Sentindo-se fora de campo, sem o território de origem, aqueles jogadores, movidos

pelo desejo de continuarem jogando futebol de várzea, reterritorializaram o espaço desse espaço naquela comunidade. Assim, fazendo-o, incidentalmente, talvez, liberaram-se da “única ordem possível estabelecida” indo ao encontro do Outro, esse Outrem deleuziano que possibilita “A nova visão de que não há nem sujeito, nem objeto e sim relações, encontros” (MOSTAFÁ; NOVA CRUZ, 2009, p. 31).

Resultou, daí, talvez como tática organizacional o surgimento de uma mulher como presidenta do time Milionários, dona Marli Alves da Silva, a dona Pedrosa, representação de uma transgressão de regras esportivas e sociais, em confronto direto com a organização até então delegada a um homem, dentro da cultura popular das maneiras de fazer o futebol de várzea no Brasil. Por suposto, não é a única nem a primeira mulher a exercer essa função. A presença ativa da mulher à frente de um time de futebol cria impactos mediados pelo próprio futebol.

Naquela comunidade, berço da cultura mato-grossense, considerando-se aquelas décadas em dona Pedrosa dirige um time, é relevante essa manifestação que se faz subversora dos padrões de cunho eminentemente patriarcal, maneira que desloca e inverte papéis sociais, que insere a mulher nos fazeres mais diretos no campo no futebol de várzea. Rizoma que vai bifurcando as atuações e seus reflexos sócio-culturais porque a atuação feminina em espaço eminentemente patriarcal surge como “uma possibilidade virtual, retirada do caos possível, trazida por outrem, atualizada no real, em uma mudança absoluta do pensamento” (MOSTAFÁ; NOVA CRUZ, 2009, p. 31).

Dito isto e descartando quaisquer intenções de cunho estruturalista em evidenciar as ações binárias do papel feminino, e, paradoxalmente já o fazendo, por ser algo que se multiplica, desse confronto entre os dois times surge também outro confronto que provoca um deslocamento da mulher no espaço, ou de suas funções dentro das equipes.

Ela, dona Pedrosa, também é desterritorializada: de prestadora de serviços básicos como lavar uniformes e servir água gelada, ela se reterritorializa ocupando papel principal dentro desse embate, colocando-se à frente na defesa de seu território, buscando circular em nível de igualdade dentro daquele mapa, demarcando fronteiras através do percurso que vai desenhando as “trocas sociais, estilos de invenções técnicas e um estilo de resistência moral” (DE CERTEAU, 1998, p. 88).

Nesse organizacional de cada time, as maneiras de fazer são esquemas de operações táticas, segundo Certeau. Narrador 8, a mulher, protagonista no papel de presidenta do time, organiza, incentiva, se engaja na luta contra o time a que pertenceram ela e seu esposo, desdobra-se em mil funções, contrapõem-se, primeiramente, ao que considera “traição” para com aqueles jogadores excluídos; depois, aceitando e convidando “intrusos” para formarem parte da equipe do Milionários e, por último, adotando e quiçá apropriando-se do time, fazendo dele “sua casa, sua vida”. Reterritorializações.

Seguramente a técnica de ambos os times careceu, dentro de um planejamento estratégico elaborado, de uma visão racionalizada. Mas, é essa maneira de fazer, artesanal, improvisada, (re) inventada cotidianamente, que insinua o devir do próprio sujeito e do objeto naquele espaço. É o povo marginalizado articulando-se com outros povos de outros bairros, em condições talvez idênticas ou piores, fazendo o nome da comunidade, e atraindo, como consequência, olhares convenientes e ambiciosos que passaram posteriormente a investir naquele bairro estrategicamente político.

Outrem, ou o Outro, o estrangeiro que vem ocupar esse território dado e povoado, surge não para resolver os problemas, mas para evidenciá-los, para colocar à mesa, ou em campo, um jogo escondido de relações sociais em que todos são protagonistas, nem ganhadores nem perdedores, jogadores somente.

Táticas Relacionais contêm seleções de relatos sobre a interação dentro de cada time e em relação aos demais, de outros bairros, principalmente na participação em torneios e campeonatos, festas de confraternização, entre outros. Os narradores que contaram sobre o time São Gonçalo Beira Rio disseram que participaram de vários campeonatos no bairro e fora dele:

1. “Nosso time era um time respeitado. Jogava no Pico do Amor, tinha muitos times. Nosso time era um time respeitado, jogava no Pico do Amor, tinha muitos time.. Esperança... é... Esperança, Vila Nova do Quebra Pote, Bom Sucesso ... é... Lavrinha, Olaria”. (Narrador 10)

2. “Em 95, 95 nós fomo jogá lá no Jatobá e alugaram pra nós uma tombera... Garimpo Jatobá”. (Narrador 2)

3. “A história que eu alembro ainda de um campeonato da LCB que nós disputamo... nós tinha um time imbativo aqui e fomo disputá lá e incrusive eu feiz um gol do título. Fomo campeão [...]” (Narrador 3)

4. “Década de 90, noventa foi um ano muito bom pro São Gonçalo Beira Rio, nós disputamo vários campeonatos, em oitenta teve um

campeonato muito bom da copa kaiser [...] teve o desafio dos 10 que o São Gonçalo participou e aquele tempo era times de várias regiões [...]" (Narrador 4)

5. "[...] O futebol aqui era bão demais, todo sábado, domingo lotava. O bairro inteiro tava torcendo aqui, ajudava [...]" (Narrador 6)

Por outro lado, os relatos sobre o Milionários, são os seguintes:

6. "[...] Nós jogava prá fora, ia no Craudio Kieski ... uma vez ele veio aqui, o juiz fez uma bagunça conosco aqui, né ... aí nós zangamos com ele, aí eu já queria partir pra ignorância porque eu sou meio da pá virada mesmo, né.. O Milionários ... ora, eu vou falá a verdade pro cê... representô muitas coisas, representô muito... eu peguei muitas amizades, amizade boa, amizade mesmo, honesta, você sabe que até hoje eu tenho muitas amizade através do... do jogo." (Narrador 8)

7. [...] Nós travessava o Rio Cuiabá pra ir jogá lá no campo do Lutinho ... jogava no São Francisco... Verdão, por tuda parte [...] eu saí dali um dia pra jogá num tar de São Simões em Várzea Grande ... uma vez nós tivemos num torneio aqui vinte e quatro equipe.. fico falado na rádio, tudo mundo queria vim... aí minha esposa fez duas panelona de carne co'arroiz, carne seca co arroiz e farofa de banana, e aí feiz uns dois pacu que Kaicedro tinha dado ... nós ganhamo no pênalti e aí foi pra decisão e nós ganhamo o jogo, né... (Narrador 9)

8. "Tem várias histórias muito interessantes do.. do.. não só dentro de campo mas extra campo que era o convívio com eles... é, após jogo a gente senta, conversa, chora ou ri, se era vitoria ou derrota .. com a amizade que a gente tinha.. ajudava e quando precisava a gente viajava pros bairros.. a gente ia jogar em Várzea Grande, Santo Antônio... todo mundo alegre, todo mundo participava, soltava foguete. (Narrador 10)

9. "Nós ganhamos um dos títulos mais importantes, portanto Cuiabá estava completando 250 anos, então foi assim uma grandeza pro bairro São Gonçalo ... uma vez fomo jogá lá no Pico do Amor que o transporte do time foi... levaram numa caçamba e o motorista não sei o que ele arrumou que levantou a caçamba e quase que derrubo todo mundo... a gente sempre... aquela época o trânsito era livre, você podia transitá com caminhão carregano pessoas [...]" (Narrador 11)



Foto VIII. Jogo festivo com dois times mistos no campo do Milionários F.C.

Considerando-se a história dada sobre o surgimento do Futebol no Brasil, havendo começado pela várzea, tendo-se a primeira partida realizada em abril de 1895, conforme referências de Azevedo (2001, p. 03.), mais ainda, que o futebol de várzea em seu início “foi discriminado e repreendido até mesmo pela polícia, era considerado um encontro de vadios, desordeiros e indisciplinados”, queremos explorar a ludicidade dos campos de várzea enquanto constituinte do *homo socius*, de se buscar novas formas de sociabilidade e de agrupamento.

No início do Século XX, segundo relata Dumazedier (1975, p. 47.), em razão direta da expansão da industrialização e da urbanização, proliferou-se a convivência social através de bares, cafés, sendo, “no entanto, as organizações recreativas e educativas a forma mais original de sociabilidade desenvolvida pelo lazer”. Ainda em Dumazedier (1975, p. 49.) lemos que

O conjunto dessas associações de todos os tipos forma, em princípio, um quadro de trocas frutíferas entre pessoas de situações sociais e de nível de instrução diferentes. Não há dúvida de que a tendência geral das organizações de lazer tende a uma unificação dos gêneros de vida.

Associações de lazer influem e modificam o modo de vida do bairro ou comunidade, agregando ou desagregando grupos. Desagregam quando criam sociedades fechadas sobre si próprias, e agregam quando grupos afins se identificam com aquele presente que tendem a plasmar, na indiferença em relação

ao futuro. São os novos tipos de sociedades utópicas, em que acima das diferenças de classe ou posição social, se buscam em nome do “bem comum”, “orientando-se na direção de um universo semi-real, semi-imaginário, onde o homem pode subtrair-se das suas relações com a humanidade” (DUMAZEDIER, 1976, p. 49).

A euforia ou a decepção compartilhada antes, durante e após o jogo de futebol de várzea oferece aos times essa possibilidade de um espaço outro, distante da realidade cotidiana, encontrando-se com seus pares nos diversos bairros praticantes dessa modalidade de lazer esportivo. Será o lazer o novo ópio do povo? Indaga Dumazedier (1975, p. 50).

Há mais coisas implícitas. Há um fortalecimento do padrão “um por todos”, do comunitarismo que pede o sacrifício em nome do grupo ou time.

O comunitarismo, em minha opinião, tem um direito de posse bastante dúbio em relação à confiança ou ao compromisso; enfatiza falsamente a unidade como fonte de força numa comunidade, e teme erroneamente que, quando surge conflitos, os laços sociais sejam ameaçados. (SENNETT, 2006, p. 171)

Futebol de várzea tornou-se, então, o lazer preferencial daquela época, do tempo de fortalecimento da identidade daquela comunidade, maneira de fazer a padronização de comportamentos, tanto que a criação de um novo time composto por jogadores “estranhos” ao meio causou indignação dentro do time tradicional, mais antigo. Choque cultural, conflitos estabelecidos, laços sociais ameaçados, desconstrução e devir. O que há de vir?

Sair para participar em torneios e campeonatos fora da comunidade SGBR pode ser visto como busca de fortalecimento de um “nós” comum, busca das maneiras de fazer táticas diferentes, mantendo-se as estratégias gerais. Essa saída também é vista como busca de novos desafios, novos embates, novas maneiras de fazer, mimeticamente reproduzidas nos costumes como o de providenciar transportes precários e arriscados. Não havia o rigor atual da cobrança das leis de trânsito, o que não impedia o transporte irregular de pessoas sobre caminhões, basculantes, etc. Mas o risco era evidente. Todos os times se arriscavam, a seu modo. Inventava-se, no afã de sair e participar, maneiras de fazer viável o transporte de jogadores e torcidas.

Pensemos, antes de sujeitos e objetos, o espaço esvaziado, ocupado, reocupado, novamente esvaziado. Pensemos que além do tempo, é no espaço que as relações sociais acontecem. Esse espaço é habitado pelo devir, pela incógnita permanente sobre o próximo passo: “Não é mais o tempo que está entre dois instantes, é o acontecimento que é um entre-tempo” (DELEUZE; GUATTARI, 1998, p. 203 apud MOSTAFÁ; NOVA CRUZ, 2009, p. 94).

Movimento de intercâmbio, trocas sociais, necessidade do outro, disposição de se arriscar. “O risco vai se tornar uma necessidade diária enfrentada pelas massas”, diz Sennett (2006, p. 94). Arriscar-se a ganhar, empatar ou perder formam o caráter individual e o imaginário coletivo de se viver no limite. Aquele era o limite social dado e existente no seio de SGBR que precisava sair da crise na comunidade, inventando novas formas de movimentar-se e não se paralisar ante os problemas.

O duplo do espaço e do tempo. Do espaço território-comunidade SGBR, cujo movimento socioeconômico se estanca quando as produções artesanais e a pesca sofrem baixas na procura; espaço esse que simboliza a vitória do tempo sobre o lugar. E o outro espaço, ou o espaço do Outro, espaço-desterritorializado, desconhecido, ocupado como forma de vazão ao impacto da crise, significando a vitória do lugar sobre o lugar, pedindo movimentos, maneiras de fazer o futebol de várzea, o lazer que escala por time principal as diferenças.

Participar de torneios e campeonatos sub-repticiamente implica a saída em busca de domínios dos lugares pela vista, segundo De Certeau (1998, p. 100) posto que “a divisão do espaço permite uma *prática panóptica* a partir de um lugar de onde a vista transforma as forças estranhas em objetos que se podem observar e medir, controlar, portanto, e “incluir” na sua visão”, transformando as incertezas em espaços legíveis, determinando o poder de conquistar para si um lugar próprio.

Táticas de Embate trazem relatos sobre os confrontos diretos entre os dois times, trazendo à tona as diferenças, contradições e conflitos. Antecipamos que está obvia a existência de rivalidades entre equipes esportivas de quaisquer modalidades, umas defendendo o *fair play*, outras jogando sujo mesmo. Ainda que por lazer, a prática esportiva traz implícito o desejo de vencer, dado que a vitória simboliza o poder conquistado, ainda que momentaneamente.

Recortamos nestas discussões esse embate direto justamente porque ambos os times são da comunidade SGBR, ou seja, têm um território comum de convivência, não ignorando, contudo, que puderam existir rivalidades com times de

outros bairros. Consta-se que desse confronto direto o Milionários Futebol Clube conquistou mais vitórias sobre o São Gonçalo Beira Rio Futebol Clube. As maneiras de ver as derrotas e vitórias são muito discrepantes. Vejamos:

1. Os dois times era bom... aqui dentro do campo quando um vestia a camisa azul e outro vestia outra camisa sempre tinha rixa que era... aquilo ali, cada um defendia a sua cor... rivalidade dentro do campo, fora não. Fora são todos amigos. É futebol. (Narrador 1)

2. [...] Aí ficou aquela rixa, mas aquela rixa de futebol, só entre amigos... era a maior rivalidade, era isso aí... era a mesma coisa que jogá Mixto e Operário aqui, naquela época. (Narrador 2)

3. [...] Era uma disputa acirrada mesmo que até hoje... eram muitos irmãos... um jogava no Milionário e outro no São Gonçalo, então virava rivalidade mas era em campo, acabava o jogo todo mundo tava se abraçando...com certeza era uma coisa até curiosa... conflito. (Narrador 4)

4. [...] Pra você vê... dois times daqui e a rivalidade era fortíssimo mais graças a Deus nunca saiu confusão, era mais rivalidade de campo mesmo. (Narrador 6)

5. Tinha rivalidade.. ixi Maria ... até hoje tem. Até hoje tem rivalidade... eles brigava aí.. uma vez, Ivan mesmo que ta aí é testemunha ... saiu corrido de lá porque a turma num darem na turma (risos).. mas era assim, uma rivalidade danada aqui no São Gonçalo Beira Rio. Sério mesmo, até hoje não é lá essas coisas... rivalidade por causa do futebol porque toda vez que nós ia no campo de jogo pra jogá nós ganhava e nós ganhava deles direto. Dava goleada neles direto, aqui dentro da...do.. da comunidade, então era uma raiva que tinha, era uma briga, era uma coisa danada mesmo que era sabe? Até hoje ele ainda é... depois que terminava o jogo de futebol era tudo normal, não existia nada, voltava ao normal, mas era uma rivalidade doida, até hoje, até hoje ainda são. Mas eu não dou bola também... era nós mesmo que metia o aço nesse negócio. (Narrador 8)

6. A rivalidade foi demais porque nosso time era a maioria de jogador da cidade e eles depois que a turma escolheu que correu a notícia que souberam que dispensaram nós, assim como fizeram, aí já ficou a rivalidade que nós ia com aquela vontade de ganhá deles. E eles nunca ganharam de nós disputa de campeonato assim, de título de campeão... quando acabô o jogo... eu fiquei assustado... parece que tinha morrido gente porque gente deles chorava demais na beira do campo... aquela choração assim... a gente apurado porque não era acostumado com isso, né? (Narrador 9)

7. Tinha rivalidade, né? Tinha e existe até hoje na verdade, existe uma rivalidade muito grande, Milionários e o time aqui do São Gonçalo Beira Rio... o pessoal aqui do São Gonçalo Beira Rio não.. não aceitava a gente, eles achava que a gente era inimigo... e a gente sofreu assim muita... jogando aqui tinha um campo deles... aqui já sofreu violência mesmo, eles já correram atrás da gente, a gente saiu corrido, tudo por conta da rivalidade... rivalidade não era pessoal... não era nada, era Milionários e o time daqui... a gente sempre ganhô deles, sempre venceu as partidas que a gente disputou com eles, então para eles tudo isso era inaceitável... eles tratavam a gente assim realmente como inimigo mesmo... existia até uma parte assim: Milionários usava uniforme vermelho, o time daqui sempre jogô com uniforme azul, então você é vermelho e eu sou azul. (Narrador 10)

8. Duas equipes no mesmo bairro sempre há a rivalidade.. não tem como deixá de existir, né? Mas, graças a Deus a gente conseguiu contornar essa rivalidade e viver em harmonia os dois times. (Narrador 11)

Narrativas antagônicas, indicadoras de consumo ou de jogos de forças. Ocupações e dominações de territórios. Maneiras de falar que refletem as maneiras de fazer de cada um dos times. Em comum, quase todas as narrativas assentem que a rivalidade existia apenas “dentro de campo”. Quase todas. Interessam-nos em muito as exceções. De Certeau (1998, p. 104) chama de atividades que correspondem às características das astúcias e das surpresas táticas, “gestos hábeis do “fraco” na ordem estabelecida pelo “forte”, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos”.

Elias e Scotson (2000, p. 26) explicitam as tensões desse embate da seguinte maneira:

Muitas questões diferentes podem expor às claras as tensões e conflitos entre estabelecidos e outsiders. No fundo, porém, todas são lutas para modificar o equilíbrio do poder; como tal, podem ir desde os cabos-de-guerra silenciosos que se ocultam sob a cooperação rotineira entre os dois grupos, num contexto de desigualdades instituídas, até as lutas francas pela mudança do quadro institucional que encarna esses diferenciais de poder e as desigualdades que lhes são concomitantes. Seja qual for o caso, os grupos outsiders (enquanto permanecem totalmente intimidados) exercem pressões tácitas ou agem abertamente no sentido de reduzir os diferenciais de poder responsáveis por sua situação inferior, ao passo que os grupos estabelecidos fazem a mesma coisa em prol da preservação ou aumento desses diferenciais.



**Foto XIX. Entrada em campo do time São Gonçalo Beira Rio.
À esquerda e ao fundo vê-se a bandeira e a participação feminina.
(Fonte: Acervo de Dona Pedrosa)**

Reportando-nos ao jogo de poder entre os dois times, temos: Havia apenas um time, que expulsou do seu espaço os jogadores mais velhos, mais “inaptos”. Estes desterritorializados, taticamente, organizaram-se em um novo time, convidando estrangeiros à comunidade a defenderem a nova camisa. Resultou disso a reterritorialização ou a busca de novas maneiras de continuar resistindo à opressão dada pela tradição do time mais antigo. Mais ainda, houve uma reversão nos resultados. Diríamos, o tiro saiu pela culatra, ou, o feitiço virou-se contra o feiticeiro. O campo de disputa foi repovoado, tendo-se o futebol de várzea por mediador, ante a presença do Outro.

Sem se resignarem ao dado papel de excluídos, de sem-lugar, aqueles jogadores cujos nomes foram expostos em lista “pregada na parede”, astutamente buscaram reforços “fora” do meio comunitário, escalando em campo de batalha jogadores desconhecidos, de outros bairros, e essa tática funcionou de tal maneira que mudou o discurso: de derrotados, porque excluídos, para vitoriosos nesse embate dentro da comunidade.

Os narradores 1, 2, 4 e 6 pertencem ao time São Gonçalo Beira Rio e em seus relatos podemos observar a admissão de que, de fato, havia uma rivalidade em campo, “apenas em campo”. Entretanto, os narradores 8, 9, 10 e 11, ademais de

admitir essa rivalidade em campo, enfatizam que ela existiu fora de campo também, e que existe ainda nos dias atuais.

“Enquanto um limite firme é mantido entre os territórios e a ferida narcísica está contida, a agressividade será projetada no Outro ou no Exterior”, explicita De Certeau (1998, p. 211) sobre o caráter liminar do “signo” do social que desliza incessantemente de uma posição à outra. Temos, então, uma flutuação e uma bifurcação. Prorrogação do tempo liminar de jogo e ampliação do campo de embates. O imanente e o deslizante, movimentos diferentes sobre um território comum.

De um lado, os termos de referência do discurso local dominante, de manutenção da tradição e, como força antagônica, desponta – saindo da reserva – poderes guardados que generalizam esse discurso, que escalam como titulares os discursos heterogêneos, criadores de espaços híbridos receptivos ao Outro.

São demarcações de territórios sócio-culturais que formam um mosaico interessante. Bricolagem de fragmentos que nem sempre se encaixam, porque invertida a ordem, onde as narrativas são fundadoras de espaços que, no dizer de Bhabha (1998, p. 134), são “quase o mesmo, mas não exatamente”, uma mímica visualizada no lugar da interdição,

Um discurso na encruzilhada entre o que é conhecido e permitido e o que, embora conhecido, deve ser mantido oculto, um discurso proferido nas entrelinhas e, como tal, tanto contra as regras quanto dentro delas. A questão da diferença é portanto sempre também um problema de autoridade. (BHABHA, 1998, p.135)

Diz ainda o autor serem produções de “efeitos de identidade” no jogo de um poder que é elusivo porque não esconde nenhuma essência. Criam ambivalências em que tais efeitos de identidade são divididos, destacam a cisão que bifurca os discursos sobre a realidade daquelas rivalidades. Enquanto uns narradores ignoram a persistência no lugar, na comunidade, daquela antiga rivalidade, recusando-a e substituindo-a pela repetição, pela rearticulação da “realidade” como mímica; outros narradores, opostamente, levam em consideração essa realidade latente, existente, esse ‘caso’ mal resolvido que ainda causa mal-estar e, supomos, ainda divide aquele território e seu povo.

As recusas, assim, espelham a negação das diferenças, do Outro. Resistência à alteridade. Miniatura que, supostamente, reflete mimeticamente as

mesmas condições vividas em outros bairros, outras cidades dentro da nação brasileira. Vejamos: na década de 80, passamos pela “abertura” política, pela abertura das fronteiras da cultura nacional.

Na década de 1990 as áreas culturais do Brasil foram amplamente ocupadas pelas estéticas de Walter Benjamin e Adorno, pelo desconstrucionismo de Derrida e pelo olhar lançado ao devir deleuziano, aos intensos estudos foucaultianos do panóptico social. Enfim, uma gama de desvalorização sistemática do racional, uma busca pelo subjetivismo, pela pluralidade, pela polifonia e pelo dialogismo bakhtiniano. Todos forjando um conceito de pós-modernismo escamoteador da base comum da cultura, mundial e brasileira.

Naquela pequena comunidade SGBR, como em outras – supomos -, começaram a surgir pequenos efeitos ou reflexos do grande campo de batalha que vai desde a cultura dita superior até a cultura no sentido puramente antropológico, de maneiras de fazer, de usos e costumes. Daí resulta evidente o deslocamento discursivo daquela comunidade que viu como oportuno o momento da crise cultural local como saída tangencial do problema a ser enfrentado.

Reterritorialização. Uniu-se, no espaço da criação de um novo time, na “oportunidade” advinda do deslocamento de alguns jogadores, uniram-se útil e agradável. Invenções do cotidiano, diria De Certeau. Estamos falando de política, de desejo de conquista de poder. De relações de poder, seguramente. Outro espaço surge, então. Mas, hoje, que espaço é esse? Logo veremos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a força antagônica da palavra “conclusão”, introduzimos aqui reflexões finais como possibilidade de aberturas sobre a mediação cultural que o futebol de várzea tem exercido na comunidade São Gonçalo Beira Rio.

Neste Século XXI, a força da cultura local, do cotidiano que evidencia o jogo social nas lutas pelo poder (jogo este em que identidades e diferenças se imbricam de maneira provocativa na arte de atuar no mundo), possibilita registrar estas palavras com a força de (re) começo do papel de mediador que o futebol de várzea consolidou naquela comunidade.

Ao pesquisar e conduzir nossas percepções através da indagação inicial: - *Quais táticas delineiam as maneiras de fazer o futebol de várzea na*

comunidade São Gonçalo Beira Rio? Adentramos em territórios desconhecidos e prazenteiros, repleto de pessoas e confrontos sociais mediados no espaço delimitado pelo campo de futebol de várzea.

Implícitos ou explícitos se revelam estranhamentos e aproximações, que decorrem da manutenção de campos de atuação, às vezes desterritorializando o estrangeiro ou forasteiro que aí tenta se situar, às vezes provocando reacomodações ou reterritorializações, tanto entre os estabelecidos naquela comunidade quanto entre os outsiders ou estranhos ao meio.

Para tanto, a partida em busca dos percursos ou trajetórias das maneiras de fazer dos times São Gonçalo Beira Rio e Milionários Futebol Clube, cobrou-nos esmiuçar, através da entrevista oral, relatos da história de vida desses dois grandes times de futebol de várzea.

Percebemos, assim, oportuna a apropriação dos termos “tática” e “estratégia” difundidas pelas teorias certeunianas. Dessa maneira, partimos do começo, da fundação dos dois times, dos conflitos ali evidenciados para que pudéssemos chegar às maneiras de relacionar entre os dois times, no campo de futebol de várzea.

Percebemos, então, que cada qual manteve uma tática organizacional diferenciada, com transgressões (como o caso da introdução de uma dirigente mulher na equipe do Milionários) e, ainda, que através do futebol de várzea esses conflitos foram exacerbados durante os embates em jogo, com participação da comunidade nas torcidas organizadas.

Aprofundamos mais ainda, ao deparar-nos com intensa participação da comunidade ao redor do campo de futebol de várzea, observando – por exemplo – que a vida na e da comunidade São Gonçalo Beira Rio, como pudemos constatar, ganhava outro ritmo nos dias de jogos, e o cotidiano da rotina caseira quebrava-se e transformava-se em outras rotinas que o campo de futebol exigia dos moradores.

Mas, sobretudo, os relatos que começaram com a fundação dos times, foram se aproximando do momento atual, de maneira que cada entrevistado pode – ao menos por alguns minutos – parar e refletir sobre aquele tempo, aquelas disputas e as relações daí advindas. Muitos sentimentos se enviesaram nessas reflexões, à exceção da indiferença.

Entre todos os que colaboraram nas entrevistas, pode-se perceber saudades, alegrias, decepções, rivalidade, coragem, companheirismo, menos a

indiferença. Há um sentimento de afeto pelo futebol de várzea naquela comunidade. Cada qual amando à sua maneira a história de seu time. Fato evidenciado quando alguns revelaram o desejo de retomada dos times, dos campeonatos, de dar nova vida aos campos ali existentes.

Novas maneiras de fazer aquele cotidiano. Novas, porque em outro território foi (trans) formado, como consequência daqueles embates sociais. Percorrendo o mapa, pequeno tanto quanto a extensão da comunidade São Gonçalo Beira Rio, evidenciamos que a conectividade ultrapassa as demarcações geosociais, cujo laço de manutenção reside nas diferenças, que são múltiplas, desde as maneiras cotidianas de fazer o futebol de várzea às aceitações de grupos sociais distintos, como é o caso da presença de Tandara Ohana, animadora homossexual de muito sucesso no Milionários, time que a viu como pivô de provocações ao time adversário.

Temos então que inexistente uma unicidade, mas que a multiplicidade constitui aquelas relações mediadas pelo futebol de várzea. Dentro dos próprios times pudemos perceber claramente as diferenças discursivas; uns mais conservadores ou resistentes, outros mais receptivos ao desconhecido, ao novo.

Mas o fio condutor de todos os conflitos, provocador da ruptura a-significante, reside naquele ato de expor publicamente o nome de jogadores excluídos. Evidente conflito territorializado na comunidade estudada. Se ali existiu alguma hierarquização, ela se evidenciou na questão “habilidade”, porque todos os atores dos dois times – em geral e com poucas exceções – advêm de um quadro socioeconômico que os situa em mesmo nível.

Mapeamos entradas múltiplas, que quiçá possam ser acessadas de infinitos pontos, delineando uma cartografia que, hoje, ao sobrepô-la no rizoma dessa árvore social, resultará em um decalque com inúmeras possibilidades de novos territórios, novas multiplicidades.

Nesse sentido, voltando um pouco à história da comunidade, vemos que as táticas de jogo social foram passando – de período a período – por atividades variadas. Como exemplo, houve um período de evidência para a atividade da pesca, depois foi o futebol de várzea que alcançou o auge, inserindo-se na história matogrossense desse esporte, e logo em seguida foram as manifestações culturais exacerbadas pelos artesanatos, cerâmicas, e dança folclórica que movimentaram (e ainda o fazem) a comunidade SGBR, e, como consequência, têm estimulado o

surgimento e a manutenção de restaurantes com base na pesca, e a venda dos produtos culturais ali produzidos.

Pelos relatos colhidos, sentimos que o futebol de várzea da comunidade vem ressurgindo, ainda que timidamente, através de um ou outro que mantém os campos de várzea e os jogos esparsos. Rizomas atuais que, seguramente, hão de possibilitar novas relações de força, como estratégia geral de permanência dos jogos de poder social existentes ali.

Metaforicamente, há uma prorrogação do jogo social com ampla possibilidade de, uma vez mais, o futebol de várzea servir de mediador de novos conflitos, de maneira a evidenciar outras diferenças, talvez através do surgimento de um time único, que una os atores dantes adversários. Talvez filhos e filhas, netos e netas, desde já, estejam se preparando para essa entrada em campo, naquelas várzeas, em busca de novas maneiras de fazer e resolver seus conflitos, tendo-se por apito inicial a vontade de (re) iniciar. Talvez, uma vez mais, e assim o esperamos, a prática sócio-esportiva do futebol de várzea sirva, outra vez, de mediador silencioso que ramifica as infinitas possibilidades de ser e estar e viver na comunidade São Gonçalo Beira Rio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAUTO, F. **Ainda se joga futebol na cidade com muito amor**. In: DA COSTA, M. Regina (Org.). *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa, 1999. p. 122- 127.
- BENITEZ, A. K. P. A. **O futebol de Várzea como mediador cultural na Comunidade São Gonçalo Beira Rio em Cuiabá/MT**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea). PPGECO- Universidade Federal de Mato Grosso, 2014.
- BHABHA, H.K. **O local da cultural**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 1998.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina revisitada**. In: LINS, Daniel. *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.
- _____. **Coisas Ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. Revisão técnica Paula Monteiro. São Paulo: Brasiliense. 2004. Título original: *Choses dites*.
- _____. **Programa para uma sociologia do esporte: coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005, 191p.
- CABALLÉ, A. **Narcisos de tinta**: Ensayo sobre la literatura autobiográfica em lengua castellana (siglo XIX y XX). Madrid: Megazul, 1995.

DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Tradução de Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. v.4. São Paulo: Ed. 34, 1998. 176 p.

DUBAR, C. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975. (Coleção Debates)

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KOOGAN; HOUAISS. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Delta, 1993. p. 815.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MARCELINO, N. C. **Lazer e humanização**. 2ed. Campinas-SP: Papirus, 2001.

MOSTAFÁ, Solange P. et al. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

REFERÊNCIAS VIRTUAIS (EM REDE)

ABRAHÃO, Fernando Antonio. **Fragmentos de uma história do futebol de várzea paulistano (1947-1977)**. 2011. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Disponível em <https://uspdigital.usp.br/tycho/curriculoLattesMostrar?codpes=7011590>>. Acesso em 13/09/2013.

AZEVEDO, DÉBORA FREIRE. **Da precariedade do futebol de várzea e do teatro ao imaginário popular como forma de resistência cultural**. Universidade Federal Fluminense. Artigo acadêmico. Disponível em www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/fetch.php?media=anais_encontros:xiii:18.pdf> Acesso em 18/03/2013.

CAUNE, J. **Pour une éthique de la médiation: le sens des pratiques culturelles**. 1999. In: COSTA, L. F. Um estudo de caso sobre a mediação cultural. Bahia: Faculdade de Comunicação. V ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19356.pdf>> Acesso em 18/03/2013.

DAMATTA, ROBERTO. **Antropologia do óbvio**. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo: USP. Revista USP. N. 22. 1994. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/22/02-damatta.pdf>>, Acesso em 03/08/2013.

DORNELLES, PRISCILA GOMES. **O futebol feminino de várzea: uma análise cultural**. 2004. 39 f. Monografia (Especialização Pedagogias do Corpo e da Saúde) - Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/1252/O-futebol-feminino-de-varzea-uma-analise-cultural>. Acesso em 25/08/2013.

ELIAS, NORBERT. **A civilização dos pais**. Dossiê: Reinventar. Brasília: Sociedade e Estado, v. 27, n. 3, set/dez. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922012000300003&lng=pt&nrm=iso Acesso em 23/08/2013.

ELIAS, NORBERT; SCOTSON, JOHN L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 224p. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/about/Os_Estabelecidos_e_os_Outsiders.html?id=cq2qM9xUS68C&redir_esc=y>, Acesso em 26/12/2013.

FOTOS DIVERSAS. Disponível em: <<http://www.saboresdematogrosso.com.br/wp-content/uploads/2011/03/sao-gonalo.jpg>>, Acesso em 12/01/2014.

PIMENTA, R. D. **A “pelada” e o jogo das regras na cidade e no sertão**. Recife: Cadernos de Estudos Sociais. V. 26. N. 2. P. 313-330. Jul/dez, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.fundaj.gov.br/index.php/CAD/article/viewArticle/1340>>. Acesso em 12/08/2013.

RIGO, L.C et al. **Notas etnográficas sobre o futebol de várzea**. Porto Alegre: Revista Movimento. V. 16. N.03, 2010. PP. 155-170. Disponível em: <seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/10499/10014>, Acesso em 22/08/2013.

RODRIGUES, F.X.F. **Pierre Bourdieu** esquema analítico e contribuição para uma teoria do conhecimento na sociologia do esporte. Goiânia/GO: Revista Sociedade e Cultura, 2005. v. 8. n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/999>> Acesso em 22/08/2013.